

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Marelisa Giordani Bastos

**A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO COMO VEÍCULO
ATENUANTE DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

São João do Polêsine, RS
2020

Marelisa Giordani Bastos

**A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO COMO VEÍCULO ATENUANTE DA
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências da Religião,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial de obtenção do grau
de **Licenciado em Ciências da Religião.**

Orientadora: Lorena Inês Peterini Marquezan, Dra. (UFSM)

São João do Polêsine, RS
2020

Marelisa Giordani Bastos

**A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO COMO VEÍCULO ATENUANTE DA
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

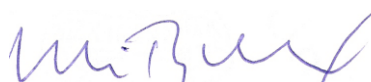
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências da Religião,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial de obtenção do grau
de **Licenciado em Ciências da Religião.**

Aprovado em 15 de dezembro de 2020:



Lorena Inês Peterini Marquezan, Dra. (UFSM)
(Orientadora)

Amarildo Luiz Trevisan



Noeli Dutra Rossatto

São João do Polêsine, RS
2020

A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO COMO VEÍCULO ATENUANTE DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

THE RELIGIOUS TEACHING DISCIPLINE AS MITIGATING VEHICLE FOR RELIGIOUS INTOLERANCE

AUTORA: Marelisa Giordani Bastos¹
ORIENTADORA: Lorena Inês Peterini Marquezan²

RESUMO

Este artigo aborda a relevância da disciplina de Ensino Religioso na Educação Básica e sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura de paz na vida das crianças e jovens. Tem por objetivo geral, refletir sobre a importância desta disciplina, fundamentada nas Ciências da Religião e ministrada por um profissional com a formação específica em Ensino Religioso. Como objetivo específico, revisitar a minimização da violência, contemplada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde propõe como uma das responsabilidades da escola, a preparação do aluno para o desenvolvimento de valores humanísticos como a empatia, o diálogo, o respeito, a solução pacífica para os conflitos, entre outros. É nesta tomada de consciência que surge o problema de pesquisa: qual é a relevância do Ensino Religioso na formação do indivíduo como veículo atenuante da intolerância religiosa? Para responder buscaram-se artigos, dissertações, experiência pessoal e trajetória como professora desta área. Para o processo investigativo, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo (Haguete, 2010), também na pesquisa-formação de acordo com Josso (2010). Concluiu-se que o Ensino Religioso na vida dos alunos contribui para a formação da cultura da paz e a transformação da visão de mundo. Trabalhar em prol da aprendizagem dos alunos, dos valores para a vida, do respeito às diferentes manifestações de crença e de vivência no cotidiano, desenvolvendo a autonomia para a tomada de decisões relacionadas à ética e à moral, propiciando ao educando compreender a si, o outro e o mundo para uma cultura de paz, de tolerância e de solidariedade.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Cultura da paz. Violência. Intolerância Religiosa.

ABSTRACT

This article approaches the relevance of religious studies subject in basic education and its contributions to develop a culture of peace on children and teenagers' lives. It has as general goal to reflect about the importance of this subject, based on religion science and taught by a professional with specific graduation in religious studies. As specific goal, revisit the violence minimization, included in Common Curricular National Basis (BNCC), where it proposes as one of school's responsibilities, the student preparation to develop human values as the empathy, the dialog, the respect, the pacific solution to conflicts and others. It is in this acknowledgement that the research problem arises: What is the relevance of religious studies teaching in the person's development as mitigating vehicle for religious intolerance? To answer that, articles, dissertations, personal experiences and my own path as a teacher in this area were searched. To the investigative process, a qualitative research (Haguete, 2010) was chosen, also the formation-research according to Josso (2010). It was concluded that religious studies in the student's personal lives contributes to a culture of peace development and the world's view transformation. Working on behalf of student's learning, the values for life, to respect the different beliefs manifestations and daily life, developing the autonomy to make decisions related to ethics and moral, propitiating the students to comprehend themselves, the other and the world for a culture of peace, tolerance and solidarity.

Keywords: Religious Studies. Culture of peace. Violence. Religious Intolerance.

¹ Graduanda do curso de Ciências da Religião - UFSM

² Orientadora professora Doutora – CE/UFSM

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO	8
3	INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS	15
4	EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA	16
5	CAMINHOS METODOLÓGICOS E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Uma formação voltada para a não violência, embasada no respeito às diferenças, no conhecimento da história das religiões, entre outros, são abordagens importantes a serem compartilhadas em aulas de Ensino Religioso e trabalhadas no âmbito escolar. Por fornecerem subsídios à criança e ao adolescente para que, a partir destas categorias, possam olhar para si e perceberem qual é o seu papel no contexto social em que vivem, tornando-se protagonistas de transformação da realidade de suas comunidades. Por estas e inúmeras razões, é imprescindível um olhar atento para a formação ética e social do indivíduo. A educação brasileira passa por um momento de intensas mudanças através da recente reforma na educação básica, a qual foi inicialmente pouco esclarecedora, dividiu opiniões e gerou uma atmosfera de incertezas em relação às suas propostas e desenvolvimento. Uma das áreas de conhecimento, a do Ensino Religioso, ficou em uma primeira etapa à margem e corria o risco de não integrar a BNCC. Entretanto, em pouco tempo antes da finalização, devido à ação de órgãos e pessoas envolvidas com a área, como o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), foram incluídas as competências e habilidades para o Ensino Religioso do Ensino Fundamental. O Ensino Médio não foi contemplado com área específica para o Ensino Religioso pelo fato de que a Constituição Federal prevê a obrigatoriedade da disciplina apenas no Ensino Fundamental. Alguns Estados como o Rio Grande do Sul, por exemplo, incluíram a disciplina no Ensino Médio, sob a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Percebendo assim, que de modo interdisciplinar e transdisciplinar aparece a importância de trabalhar a condição humana sob a forma de projeto e de sentido de vida.

Entre as 10 Competências Gerais da BNCC, a de número 09 discorre sobre a empatia e cooperação:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p.10).

São duas categorias importantes para a promoção da alteridade e do altruísmo. Quanto ao Ensino Médio, compete à escola acolher a juventude e permitir espaço para “promover o diálogo, o entendimento e a solução não-violenta de conflitos, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou opostos” (BRASIL, 2017, p. 467), e ações da escola que proporcionem ao aluno uma mudança de comportamento e a compreensão de que

tudo pode ser resolvido pelo diálogo, sem a necessidade de reações violentas. Outrossim, entre as competências específicas da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a competência de número 05, propõe “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos” (BRASIL, 2017, p.570). Sob esse ponto de vista, cabe ressaltar que a educação religiosa traz em sua bagagem grandes possibilidades de atenuar os diferentes tipos de violência, incluindo de forma pertinente a violência gerada pela intolerância religiosa. Esta tem suas raízes calcadas em diferentes solos, como por exemplo, o da ignorância sobre a história das religiões, suas origens, tradições, ritos e mitos, além do significado dos seus elementos e signos. Isto amplia o olhar para a importância de um ensino religioso assentado nas Ciências da Religião.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo geral, refletir sobre a importância da disciplina de Ensino Religioso que fundamentada nas Ciências da Religião, por um profissional com a formação específica, é possível inserir na vida das crianças, adolescentes e jovens, valores, conhecimentos e conscientização sobre o respeito às diferentes formas de crer e de praticar a fé, seja ela cristã, ecumênica ou não. Como objetivo específico revisitar a minimização da violência, contemplada na BNCC, onde propõe como uma das responsabilidades da escola, a preparação do aluno para o desenvolvimento de valores humanísticos como a empatia, o diálogo, o respeito, a solução não-violenta para os conflitos, entre outros.

Com esses subsídios e outros, torna-se possível atenuar a violência, pois promove um olhar altruísta e solidário sobre o próximo, transformando o jovem num agente de mudança na sociedade. Há muito que investigar neste campo esclarecendo as competências da disciplina de Ensino Religioso, pois o que geralmente vem acontecendo, na prática até então, é um ensino doutrinário, mesmo em escolas públicas, ou este espaço escolar é utilizado para qualquer outra atividade que possa suprir o tempo destinado a ele.

Ao desenvolver reflexões e análises sobre a prática, conteúdos e metodologias nos deparamos com os questionamentos. É nesta tomada de consciência que surgem as indagações e, portanto o problema de pesquisa: qual é a relevância do Ensino Religioso na formação do indivíduo como veículo atenuante da intolerância religiosa? Para responder a essas indagações buscaram-se artigos, dissertações e a trajetória como professora dessa área, trajetória que será contada neste trabalho.

O artigo, O Ensino Religioso e a BNCC: Possibilidades de se educar para a paz, nos trazem que “A educação abre diferentes possibilidades de mudança e, por meio dela, torna-se possível à construção de uma realidade mais pacífica e reflexiva” (FERREIRA; BRANDENBURG, 2019, p.509). A leitura do texto remete-nos aos recentes atos de violência no mundo relacionados à intolerância religiosa como, por exemplo, os conflitos entre muçumanos e cristãos. Assim, em meio às memórias vividas e os acontecimentos no mundo, faço relações entre a violência, a educação e a formação de profissionais capacitados para cumprir o papel educativo. Nesse caso, corroborando com Josso (2020, p. 48)

[...] formação de formadores-profissionais, espero que mais formação no campo da Educação Continuada possam se desenvolver porque as necessidades de uma formação séria crescerão à que tentarei evidenciá-las [...] um evento vivido coletivamente como a guerra, o terrorismo, a perseguição de comunidades religiosas ou étnica. O testemunho encorajado ou escolhido para a história exemplar por uma história de vida narrada é uma ferramenta que pode ser extremamente interessante e poderosa para preservar a dignidade das pessoas e ajudá-las a recuperar suas vidas [...]. Acredito que nossos jovens atuais e aqueles que o seguirão terão que ser prontos para esses chamados compromissos humanitários [...] será necessário encontrar uma maneira de conviver com as nossas diferenças culturais. Nossas abordagens biográficas me parecem um recurso importante essas divisões culturais e ajudar o surgimento de nova culturas em uma nova civilização que é inventada com tantas dificuldades diante de nossos olhos.

Assim sendo, a soma desses elementos carrega grandes probabilidades de contribuição para a construção de uma cultura de paz.

2 A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO

A disciplina de Ensino Religioso está garantida na Constituição Federal de 1988. No artigo 210, parágrafo primeiro diz que “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Há, portanto a obrigatoriedade da oferta da disciplina, com matrícula facultativa, todavia, deixa muitas questões conflituosas em aberto. Dentre as discussões sobre a disciplina, encontramos questionamentos sobre o que é ensino religioso, que conteúdos fazem parte do plano de curso e quem o regulamenta, para que serve esse tipo de ensino, qual é a sua especificidade, como ensinar e por que, se é relevante para a formação integral do aluno e quem deve ministrar em sala de aula. Deve-se levar em consideração todos estes questionamentos, mas este artigo se

detém na questão de como ele influencia o comportamento e as relações sociais do indivíduo sob a ótica da violência gerada pela intolerância religiosa.

O Ensino Religioso no Brasil perpassa toda a história da educação, desde o período colonial, utilizado como forma de doutrinação e imposição de ideologias colonialistas, conforme explana Luiz Cláudio Borim:

O caminho pedagógico usado pelos jesuítas buscava trazer seguidores para o catolicismo. O “Ensino Religioso” caracterizava-se como “doutrinação”, promovendo as “aulas de catequese” aos nativos e negros “pagãos”. O enfoque central da sua proposta era promover uma “Verdade de Fé”, tendo um conhecimento vinculado à religião cristã. (BORIM, 2018, p.13)

Permanecendo até hoje, sob contínuas discussões e mudanças nos currículos e em sua identidade.

Sobre algumas das mudanças na perspectiva do que é e quem deve ensinar, do que deve tratar essa disciplina, João Décio Passos, em sua obra *Ensino Religioso: Construção de uma Proposta* traz em seu conteúdo questões pertinentes ao ensino, à religião, aos paradigmas, definições e sujeitos envolvidos no fenômeno religioso, defendendo o modelo das Ciências da Religião. No que tange a quem deve ensinar, ele afirma que a “formação básica do cidadão aguarda a formação básica dos docentes do Ensino Religioso para que esta disciplina possa efetivar-se como prática educativa legítima e comum no currículo e na vida dos educandos” (PASSOS, 2007, p. 23). Ou seja, o professor deveria ter formação específica em Ciências da Religião para que a disciplina se torne legítima e para que alcance os objetivos propostos pelas leis e normas.

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, no artigo 33, torna obrigatória a oferta da disciplina, assegura o respeito à diversidade cultural religiosa e o ensino não proselitista. O Decreto 7.107 de 2010 que trata do Acordo de Santa Sé no artigo 11 reafirma o princípio da liberdade religiosa: “A República Federativa do Brasil em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa” e no parágrafo primeiro do mesmo artigo faz referência ao ensino religioso:

“O ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em

conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação”. (Decreto 7.107, 2010, artigo 11§1º)

A Constituição de 1988 no artigo 210 fixa os conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental e especificamente no parágrafo primeiro garante o ensino religioso no Ensino Fundamental: “O ensino religioso de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Além desses documentos, a BNCC, um documento onde estão definidas todas as competências e conhecimentos básicos para a educação, está organizada em áreas de conhecimento e competências que deverão ser ensinadas no Ensino Básico e que propõe competências voltadas para o desenvolvimento pessoal e social do educando, como por exemplo, os princípios éticos, a participação política entre outros. A BNCC propõe a contribuição para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e de cidadania. As habilidades referem-se ao combate das diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos para que seja alicerçada a construção de uma cultura da paz.

Diante do cenário de violência crescente no mundo, principalmente no Brasil, se faz necessário promover uma cultura da paz e para a paz. Uma das formas é transformar a consciência do indivíduo, começando pela sua formação durante a trajetória escolar. Os conteúdos administrados aos alunos podem levar a profundas reflexões a respeito de si mesmos, do próximo e da vida. Os valores apreendidos podem modificar o pensamento e levar o indivíduo a padrões mais humano e, altruísta, justo e amoroso. Da mesma forma, pode reforçar a importância de pensar em seus atos e refletir sobre suas relações sociais, adquirir um comportamento voltado para a paz, à solução de conflitos, as amizades, a família e a valorização e o amor ao próximo. Sob o mesmo ponto de vista, a inserção de valores de vida auxilia na autoestima, autoconhecimento e a desenvolver a resiliência, capacidade tão necessária para seguir em frente e construir um mundo melhor para si e para o outro.

Corroboro com o estudo de pesquisa recente, da dissertação de Mestrado Profissional do PPPG-Programa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educação, da UFSM, fundamentação no documento legal que se constitui no dispositivo teórico da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nas quais, os educadores devem inovar, criar projetos que possibilitem o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, no caso do Ensino Médio Projeto de Vida, que desenvolve a mobilização do desenvolvimento da identidade na escolha

da profissão, na definição das escolhas nas diferentes dimensões éticas, valorativas, afetivas, cidadã, enfim o desenvolvimento integral do ser humano. O quadro abaixo elucida essas dimensões nas quais corroboramos com a autora (MAZZARDO, 2019, p. 70):

Ano	Documento	Fragmento
2018	BNCC – Base Nacional Comum Curricular	<p>Pág. 463 [...] assegurar- -lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.</p> <p>Pág. 464 [...] a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida.</p> <p>Pág. 465 Valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida;</p> <p>Pág. 466 [...] criando possibilidades para viabilizar seu projeto de vida e continuar aprendendo, de modo a ser capazes de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.</p> <p>Pág. 471 [...] contribui para que os estudantes possam construir e realizar seu projeto de vida, em consonância com os princípios da justiça, da ética e da cidadania.</p> <p>Pág. 472 [...] Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. [...]o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória.</p> <p>Pág. 473 [...] é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida.</p>

A relevância do projeto de vida dos adolescentes estudantes do Ensino Médio é apontada nas recentes reformas que estão sendo desenvolvidas no Brasil. O quadro acima aponta as Políticas Públicas que estão sendo desenvolvidas para qualificar os processos de construção de identidades, despertando os protagonismos desempenhados pelos adolescentes para além da condição de estudante, criando uma ambiência favorável ao desenvolvimento integral abarcando o desenvolvimento espiritual, respeitando todos os credos em uma perspectiva ecumênica. Esse processo irá mobilizar as experiências espirituais/holísticas e criar expectativas de futuro aos adolescentes, responsabilizando a escola o compromisso de fazer do presente o momento de mediação dos conhecimentos interdisciplinares destes adolescentes. Ao desenvolver reflexões e análises sobre a prática, conteúdos e metodologias, são inevitáveis os questionamentos citados acima. É nesta tomada de consciência que surgem as indagações sobre

a relevância do Ensino Religioso na formação do indivíduo como veículo atenuante da intolerância religiosa.

Concordo e reforço essas reflexões, pois vivencio, na prática pedagógica e na atuação profissional com os alunos, experiências que angustiam em relação à situação em que se encontra a educação das crianças e adolescentes e quanto ao futuro deles. Assim percebo a importância de orientarmos na construção do projeto do sentido da vida trabalhando os valores espirituais, éticos, estéticos e inter-religiosos propiciando momentos dialógicos, de mediação de conflitos, de construção da paz.

Concordo com Jacques Delors (2003) que descreve a importância de aprender ao longo da vida:

[...] aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humana; finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes (2003, p. 89-90).

A educação permanente deve organizar-se em torno de aprendizagens fundamentais, ou seja, dos pilares do conhecimento.

O Ensino Religioso como trabalha com os valores, pode mediar o bem-estar através de técnicas de relaxamento, meditação e imaginação positiva, podendo promover uma harmonização intra e interpessoal. Nas pesquisas de Oliveira e Marquezan (2019) encontramos fundamentação para apoiar essas inquietações:

As técnicas de relaxamento, meditação e imaginação positiva podem promover uma harmonização intra e interpessoal. Por meio da harmonização pessoal é que o ser humano poderá sentir a nobreza do grande sentimento que é o amor. A partir dessa harmonização intrapessoal, chega-se a uma harmonia de relações, ou melhor, uma harmonia consigo mesmo e nas relações interpessoais, ou seja, com o outro. Relaxar é realizar condições para que ocorra a harmonia do corpo, da mente, do espírito. (p. 23)

Propiciar momentos de relaxamento implica em desenvolver uma cultura de paz que emerge do ser, do viver, do conviver, em diferentes contextos. A disciplina Ensino Religioso necessita de inovações, de criatividade como os “círculos de construção de paz” promovendo a escuta de si e do outro, valorizando a vida, o bem viver “o círculo vem resgatar a escuta atenta/sensível e o olhar cuidadoso do ser em várias dimensões. (OLIVEIRA, MARQUEZAN, 2019, p. 724).

Mais adiante, as mesmas autoras comentam que atualmente observa-se a preocupação

humana com as questões dos conflitos e violências na civilização chegando, muitas vezes a drogadição, a criminalidade, necessitando de “um olhar atento e uma escuta sensível” (MARINAS, 2004, 2007, 2014; JOSSO, 2010). Educar consiste em despertar as potencialidades de cada ser humano, é acreditar, é estar com o ser; é entrar no âmago deste ser, educando-o para o despertar em todas as dimensões e em qualquer momento da vida. O acolhimento, o sentimento de pertencimento e a afetividade são fundamentais: educar para o aceitar-se, amar, relaxar, projetar, visualizar possibilidades saudáveis educador, educando e família, construindo uma sintonia e uma intenção para o despertar na consciência, na vida e no convívio humano uma ambiência de leveza, beleza, sintonia com o universo.

Na dissertação de mestrado de Oliveira e Marquezan (2019) encontramos a seguinte reflexão:

[...] Construir esses "momentos pedagógicos" significa inserir na educação um "movimento propulsor no desenvolvimento humano". Na Estratégia 7.8 do Plano Municipal de Educação de Santa Maria verifica-se a importância de se trabalhar diferentes ações: Garantir, junto aos Órgãos responsáveis pelas áreas da saúde, assistência social e da educação, bem como em parceria com a IES pública e /ou privada o atendimento aos (às) estudantes da rede escolar pública de Educação Básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. (SANTA MARIA, 2015)

A educação passa por um momento de grandes complexidades, inclusive com o problema da pandemia, das aulas remotas, e/ou à distância e vimos concordar com a inquietação das pesquisadoras quando colocam:

[...] Que caminhos se irá percorrer? Quem faz parte desses caminhos? Como percorrer? Com quem se estará nessa caminhada? É necessário que se esteja atento. É necessário que se permita o olhar. É necessário um novo olhar. O olhar passa por várias dimensões, ele vai além, ele perpassa os limites do que se vê. Desde o nascimento se está envolvido pelo olhar; aquele que se manifesta com a vida. Que olhares transitam no ambiente escolar? Como esses alunos estão sendo vistos? Como eles estão se vendo? Trevisol (2013, p.116) destaca a importância de se estar atento (Oliveira e Marquezan, 2019, p 17,18).

A educação para a paz trabalha na possibilidade de tentar resgatar, ressignificar a pessoa como um todo, buscando o bem-estar de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, unindo o biológico, o psicológico, a espiritualidade, a ética, a cidadania, melhorando as relações interpessoais a partir do autoconhecimento e hetero conhecimento, trabalhando o ser humano integral. Ainda Diskin e Roizman (2002, p.11):

Educação para a Paz é um processo que dura toda nossa vida, permeia todas as idades, seu campo de atuação é por essência complexo e multifacetado. Além de acontecer nas escolas, tem que estar presente em nosso cotidiano: nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, no meio da família.

Freire (2006, p.391) revisita o discurso de Paulo Freire, reforçando a necessidade da construção da paz entre os povos e nações, justificando a necessidade do por que precisamos da paz:

Precisamos da Paz porque ela nos abriga no conforto da Mãe-Terra, no útero aquecido do cuidado, da tranquilidade, da VIDA. Precisamos da Paz porque ela garante a preservação do Planeta na sua multicultural idade e diversidades de todas as naturezas e níveis.

Ana Freire (2006), ao citar seu pai Paulo Freire, afirma que necessitamos de paz desde o início de nossa vida, ainda no útero, incluindo todo o ciclo vital e a tomada de consciência de que influenciemos e somos influenciados pela Mãe Terra – planeta numa sinergia cósmica. Os sentimentos maternos e paternos assim como dos demais familiares e amigos, na ambiência dos diferentes contextos familiares, escolares e vizinhança influenciam nos cuidados, no saber “cuidar e educar” desde a gestação até todo o ciclo vital. Sabe-se da importância da linguagem, poder da palavra, da energia, das vibrações de aceitação ou rejeição produzindo inúmeras potencialidades em todos os seres humanos, na autoimagem, na autoestima, no autoconceito, na construção da subjetividade integral abarcando a espiritualidade capaz de produzir pessoas pacíficas.

O cérebro capta todas as sensações e imagens significativas e o corpo reage, desperta emoções brandas ou violentas.

Deepak Chopra (1997) refere-se ao sistema mente-corpo e destaca a palavra como efeito significativo para o ser humano. Segundo ele, o sistema mente-corpo na verdade se organiza em torno de experiências verbais e as feridas causadas pelas palavras podem criar efeitos muito mais duradouros do que traumas físicos, pois nós literalmente nos criamos a partir da palavra. A palavra traz um significado para quem a diz e para quem a ouve. Essa significação é que a torna única, essencial dentro do contexto, do momento e da situação em que ela for expressa. A palavra é capaz de fornecer um significado tão grande que pode transformar-se em um momento pedagógico de grande significado para a vida. (Oliveira e Marquezan, 2019, p 25).

Ressignificando a cultura e a paz são conceitos que emergem do ser, do viver, do conviver e significa todo um processo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano em todos os contextos familiares, escolares, religiosos, sociais, políticas públicas, entre outros.

A educação mobiliza todos os espaços e tudo que nos cerca as palavras, os olhares os gestos, as posturas que desenvolvemos, vivenciando valores e percepções do ser que se manifesta. Para Diskin e Roizman (2008), “educar para a paz envolve a geração de oportunidades para comunhão de significados e afeto... o Amor está à beira da extinção”. Os locais de aprendizagem devem transformar-se em lugares de sensibilidade, de humanização e prazerosos. A importância de ter significado no processo educativo promove um movimento de acolhimento no processo educativo e na cultura de paz.

3 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS

Em pleno século XXI vivenciamos diversas manifestações, no mundo todo, contra a violência ocasionada pelo racismo, pelo preconceito e pela intolerância religiosa, entre outras. Mas o que é intolerância religiosa e de onde vem essa incapacidade de aceitar a religião do outro? A intolerância religiosa é quando não aceitamos outras práticas religiosas e agimos com violência de várias formas, violência simbólica, psicológica, física, virtual, escrita e/ou verbal, querendo de alguma maneira deixar claro que não toleramos a manifestação de crenças ou descrenças diferentes das nossas. Na antiguidade em muitos eventos históricos, estão registrados conflitos nesse sentido como os registrados na Bíblia, por exemplo, entre judeus e outros povos e, entre as pessoas de uma mesma crença. Os conflitos ao longo da história são também, conjuntamente de ordem política e cultural, mas as disputas por causas religiosas são as mais severas. Tomam-se por parâmetro as próprias convicções religiosas e julgam-se as práticas do outro, sem buscar conhecer, sem tentar o diálogo ou mesmo a convivência com as diferenças.

Em 10 de dezembro de 1948, foi adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O artigo 18 trata das questões religiosas e diz:

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

O que temos de mais sagrado como indivíduos, é a liberdade de pensamento. Nada e ninguém deveriam tolher essa liberdade. Bem como a liberdade de ver o mundo de uma

maneira singular, individual e única de cada ser. Junto a isso a liberdade de crer e conceber a existência ou não de um ser criador.

A UNESCO em sua 28ª Conferência Geral em 16 de novembro de 1995 aprovou a Declaração de Princípios sobre a Tolerância. Entre os instrumentos internacionais pertinentes consta a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e de Discriminação, fundadas na religião ou na convicção e a Declaração sobre os Direitos das Pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas. O artigo 4º trata da educação e diz que,

A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância. A primeira etapa da educação para a tolerância consiste em ensinar aos indivíduos quais são seus direitos e suas liberdades a fim de assegurar seu respeito e de incentivar a vontade de proteger os direitos e liberdades dos outros.

No livro *Intolerância Religiosa e Direitos Humanos: mapeamentos da intolerância*, Clemildo Anacleto da Silva, fala que “a experiência religiosa não pode ser o empecilho para a convivência” (2007, Pg.13). Daí a importância de tratar os diversos tipos de violência, incluindo a violência proveniente da intolerância religiosa.

Percebe-se a importância das histórias de vida emergentes amparadas no paradigma biográfico desempenhando um papel promissor, abrindo espaços para invenções da “condição humana” como um dos saberes fundamentais segundo Edgar Morin (2011), a importância de criar espaços dialógicos, criativos, reflexivos e democráticos, viabilizando intervenções de práticas pedagógicas fundamentadas na solidariedade, na ética, na paz e na justiça social.

Ao longo do dia a dia de trabalho como professora de Ensino Religioso, bem como nas reflexões advindas de minha vida pessoal e profissional, fui me inquietando com algumas questões que foram permeando o meu modo de ser e de conviver, de promover o aprender e o aprender a fazer, de acordo com Delors (2011). Em diferentes contextos em que estive, havia algo que me conduzia e caracterizava meu modo de ser e de agir - o "acolhimento com uma escuta sensível".

4 EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA

Para promover um mundo de paz, é preciso um olhar mais atento para a participação do indivíduo na sociedade e a formação dele, baseada em princípios éticos e modos de vida ancorados na solidariedade. Estes valores podem ser advindos de princípios religiosos ou seculares, podem ser aprendidos no seio familiar, instituições religiosas ou no espaço escolar. De todo modo, esse ensino interfere na vida do indivíduo e, conseqüentemente, na sociedade. Sob a hipótese de que o ensino religioso fornece subsídios para a formação do indivíduo como um agente social que interage, modifica e constrói sua sociedade, esse ensino como disciplina na educação básica tem relevante papel formador. O ser humano é construído pelos processos de socialização, sendo que um deles passa pela escola, a qual deve preparar o indivíduo visando ao pleno desenvolvimento da pessoa formando-a para o exercício da cidadania. Para cumprir essa responsabilidade, é preciso ensinar que a vida em sociedade necessita de normas, regras e leis que regem o bem-estar da sociedade. A ausência de normas de conduta apropriadas para a socialização do indivíduo é uma ameaça à coesão social e pode levar o indivíduo a procurar ou criar práticas desviantes para satisfazer suas supostas necessidades ou visão de mundo, incluindo aqui, a concepção de que sua religião é a certa e que as outras são uma afronta ou são inferiores.

O Ensino Religioso tem a tarefa de educar para a paz, e no que tange à violência gerada pela intolerância religiosa, exige o aprendizado sobre o respeito ao diferente.

A sociedade na qual estão imersos nossos jovens é objeto de análise do sociólogo Zygmunt Bauman, o qual estuda e interpreta a sociedade moderna, caracterizando-a como Sociedade Líquida, uma sociedade flexível, insegura, individualizada e que se move facilmente:

Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela. [...] Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. (BAUMAN, 2001, p.15).

Neste contexto a questão quanto à educação é, se ela fornece competências para o jovem deste século, o jovem de uma sociedade fluida, preparando-o para as mudanças nas relações e no desenvolvimento social do indivíduo sobrevividas pelo avanço das novas tecnologias como, por exemplo, as tecnologias da informação e da comunicação.

Frei Beto, no livro *Por uma educação crítica e participativa*, diz que “Educar para os direitos humanos é buscar o consenso cultural que iniba qualquer ameaça aos direitos da pessoa” (2018, Pg.126). Defender os direitos humanos é também defender o direito à vida, pois

quando asseguramos esses direitos, seja individual ou coletivo, estamos assegurando que a pessoa desenvolva sua condição humana, sua identidade cultural e social, caso contrário ela não estará vivendo a plenitude de ser humano. Não obstante, a necessidade de um órgão intermundial dada à diversidade de povos e nações.

Pedrinho Guareschi, no livro *Bullying*: mais sério do que você imagina, diz que “os alunos devem ser encorajados a participar na supervisão e intervenção dos atos de *bullying*” e que “para evitar o *bullying* é essencial promover orientação, conscientização e discussão sobre o assunto” (2008 Pg.82-83). A escola precisa estar atenta, o *bullying* é uma prática de violência muito cruel, pois o que pratica está tentando eliminar de dentro de si algo que o faz sofrer, então tenta transferir a dor para o outro. Dentre os diversos tipos de *bullying*, há também o causado pela prática religiosa do outro, quando o agressor quer ferir, ele procura um motivo e dentre os motivos está à crença. Em “minhas experiências como professora, já ouvi xingamentos com termos como “batuqueiro”, “pastorzinho”, freirinha” etc. A violência não é só física, mas também simbólica e pode gerar traumas passíveis de tratamento psicológico. Nas práticas escolares de combate ao *bullying* deve ser incluída a violência gerada pela intolerância das diferentes formas de crer.

Violência simbólica é um termo muito desenvolvido por Pierre Bourdieu (2011). Para ele, a escola, assim como outras esferas sociais, é também uma instituição reprodutora de bens simbólicos que contribui, de forma simbólica para a desigualdade social. Neste contexto, quando tratamos de violência escolar percebemos diferentes nuances e espaços, aquela que ocorre nas relações entre os alunos, como vimos acima, mas também entre alunos e professores, e aquela que está nos conteúdos, na prática pedagógica e na imposição de padrões culturais. Essa pode ser imposta pela mídia, pela família, pela escola ou outros institutos. Quando uma religião, ou o *status* religioso, é padronizado socialmente, configura uma imposição passível de gerar violência. O autor percebe a esfera da educação como um campo ou espaço social que reproduz o processo de dominação e, para ele é dentro da escola que são reproduzidos os mecanismos de legitimação da dominação social, favorecendo as classes mais privilegiadas ao impor o *habitus* da classe dominante. Em seu livro: A Economia das Trocas Simbólicas, o autor escreve um capítulo sobre a Reprodução Cultural e Reprodução Social mencionando o sistema escolar e o favorecimento das classes dominantes:

(...) a segregação efetiva que se estabelece desde o ingresso no ensino secundário entre os alunos dos diferentes colégios e das diferentes secções tende a se reforçar à medida que avança o curso, em virtude do reforço contínuo das diferenças resultantes da

orientação dos mais favorecidos culturalmente em direção às instituições capazes de intensificar sua vantagem. (BOURDIEU, 2005, p.312).

Portanto a esfera escolar apesar de mostrar-se neutra, transmite a forma de conhecimento das classes dominantes e conseqüentemente, impõe uma hierarquia fundada na autoridade institucional, reproduzindo a desigualdade social. Diante disso podemos pensar nas práticas pedagógicas, nos direitos garantidos em nossa Constituição que dá garantias de igualdade e quanto aos conhecimentos sobre religiões, a preparação do aluno para a liberdade e para o pluralismo religioso. Nestes quesitos deverá se perceber de que forma a escola reproduzirá as desigualdades econômicas, sociais e as geradas pelas diferenças de crença dos educandos e dos profissionais e, qual o resultado que a oferta de uma educação religiosa laica ou confessional produzirá em nossos jovens na sua formação integral. O cenário de discussões sobre educação, no Brasil, é benéfico para que o Ensino Religioso seja discutido, pois o fenômeno religioso e as questões da religião são temas presentes no cotidiano de muitas pessoas e que também permeia o ambiente escolar.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Para o processo investigativo, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme Haguete (2010, p.59), “fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais (...)” e, também, fundamentada em Josso quando aponta para a importância da pesquisa-formação, (auto) biografia de vida, uma vez que atuo como professora de Sociologia e Ensino Religioso em uma escola particular e em uma escola estadual.

A trajetória de vida de uma pessoa fundamenta suas escolhas e ações. Vou contar um pouco de minha caminhada até chegar à profissão que me tornei. Nasci em um ambiente no qual a cultura italiana, as marcas da imigração e a força da terra foram os primeiros elementos culturais impressos em mim. A religiosidade, a tradição familiar, o sentimento de pertencimento a uma comunidade, bem como as festas e a alegria da dança e da música marcaram fortemente minha infância. Estudei em um colégio de freiras, ambiente que propiciou a mim o desenvolvimento de uma religiosidade mais intensa, onde aprendi valores que carrego para a vida. Iniciei um curso superior, mas por motivos externos, não pude dar continuidade. Os caminhos muitas vezes parecem estar definidos, mas se formos persistentes, com resiliência e

força, podemos mudar a história e recomeçar. Assim, aos 40 anos de idade, percebi que era o momento de voltar à universidade. Nesse ensejo ingressei na Universidade Federal de Santa Maria, cursei Licenciatura em Sociologia e me apaixonei pela Área das Humanas e Sociais.

No último semestre, prestei concurso público para professor, fui nomeada e me tornei professora da rede pública (SEDUC-RS), em uma escola de Ensino Médio na área central de Santa Maria. Vivenciei emoções e experiências interessantes, conheci pessoas que dão a vida no dia a dia da escola para fazer dela um lugar de esperança. Ali, na sala de aula, em meio aos adolescentes e suas realidades de vida, conheci de fato como é o sistema público escolar no Brasil, o abandono, o descaso com a educação e os interesses políticos que estão por trás de cada gestão. A realidade nua e crua se apresentava agora em contraste com as vivências escolares da minha vida. Deparei-me com jovens de diferentes realidades econômicas, sociais, culturais, alguns cheios de falsa esperança, iludidos pelas ideologias dominantes sedentas pelo poder e outros indiferentes a tudo, pois já haviam desistido de si mesmos e da esperança de mudar sua realidade. Uma grande angústia e inquietação tomaram conta de mim, e ao mesmo tempo, eu não conseguia encontrar coragem para tentar mudar alguma coisa. Então me lembrei de Paulo Freire (1997) e seu grande ensino sobre o quanto as pessoas através da educação podem transformar a realidade. Percebi que, por meio da disciplina de Sociologia e de Ensino Religioso no Ensino Médio, que são as minhas áreas de atuação profissional, existem muitas possibilidades de mudança na mente dos adolescentes e jovens, por meio de uma educação crítica e participativa. Percebi que eu tinha em mãos uma grande ferramenta de mudança, como professora, ensinar para a cidadania, a criticidade e a liberdade.

Nas vivências docentes presenciei muitos casos e situações que marcaram significativamente minha vida e fomentaram minhas indagações e questionamentos sobre a violência advinda da intolerância religiosa. Um episódio marcante, que extraio de minhas memórias e transponho aqui foi que um dia, em uma aula de Ensino Religioso com uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, numa escola pública, na qual fiz uma dinâmica sobre a importância do diálogo, da empatia e do perdão nas relações sociais, familiares e de amizade, um aluno levantou-se e, trêmulo, com os olhos cheios d'água, disse: “sora, quero lhe dizer que essa aula mudou a minha vida”. Todos olharam para ele surpresos, eu parei o que estava fazendo, e ele continuou falando. Disse que não conversava há algum tempo com as pessoas da sua casa, pois ninguém o compreendia, não aceitavam o fato de que ele havia entrado para uma igreja evangélica, mas que a aula o levou a se colocar no lugar da mãe e que ao chegar a sua

casa iria conversar com ela e explicar o que ele sentia. Eu demorei um pouco para processar as possíveis consequências desta manifestação, afinal eu era responsável pela mudança de atitude do menino.

Outro episódio foi quando, na turma de 5º ano da escola particular, fiz um levantamento de quantas e quais religiões estavam representadas ali na sala de aula. A maioria, como era esperada, participava de uma religião cristã católica ou uma denominação evangélica. Poucos não sabiam dizer, outros disseram que iam numa igreja com a vó ou com os pais, mas não sabiam especificar qual religião era aquela. Percebi que uma menina, sentada à frente de sua fileira, ao começarmos baixou a cabeça e a pousou sobre os braços cruzados na sua mesinha. Fiquei atenta a ela e quando chegou a sua vez, disse apenas seu nome e que gostaria de me falar ao ouvido. Eu, prontamente inclinei-me para ouvi-la. Então ela disse: “Profe, eu sou da Umbanda, mas não conta para os colegas.” Após a aula conversei com a aluna sobre o assunto e decidi mudar meu plano de ensino e inserir o tema intolerância religiosa.

Mais tarde surgiu o curso de Ciências da Religião, o qual tem me fornecido muitos elementos necessários e imprescindíveis para lecionar a disciplina. Ele “serviu como uma luva” aos meus objetivos, anseios e expectativas, pois prepara o professor para um ensino adequado e faz jus aos propósitos das diretrizes, normas e leis para o ensino religioso. A disciplina é parte integrante da formação básica do cidadão, e deve proporcionar a aprendizagem dos valores para a vida; respeitar as diversas manifestações; proporcionar subsídios para a vivência no cotidiano; desenvolver a autonomia para a tomada de decisões relacionadas à ética e à moral; fornecer subsídios para o educando compreender o outro e o mundo; entre outras funções. Em meio a tantos casos de violência física e verbal presentes na sociedade brasileira provenientes da intolerância religiosa faz-se necessário abordar o tema nas escolas de educação básica, onde estão os adolescentes e jovens ainda em formação de sua moral, ética e cidadania, elementos que levarão para sua vida adulta. Não obstante, entre os conteúdos que devem fazer parte do plano de ensino, está o tema Intolerância Religiosa. Chamou minha atenção de forma instigante, pois na Sociologia trabalho o tema Violência e Tipos de Violência. Percebi uma conexão interessante, pois sob esse ponto de vista, cabe ressaltar que a educação religiosa carrega em si grandes possibilidades de atenuar os diferentes tipos de violência, incluindo de forma pertinente a violência gerada pela intolerância religiosa. Essa tem suas raízes calcadas em solos diferentes, como por exemplo, o da ignorância sobre a história das religiões, suas origens, tradições, ritos

e mitos, além do significado dos seus elementos e signos. Isso posto, amplia-se o olhar para a importância de um ensino religioso assentado nas Ciências da Religião.

Revisito minha trajetória como professora, pois trago algumas inquietações como ao desenvolver reflexões e análises sobre a prática, conteúdos e metodologias me deparo com os questionamentos citados nesse trabalho. É nesta tomada de consciência que surgem as indagações, portanto o problema de pesquisa: qual é a relevância do Ensino Religioso na formação do indivíduo como veículo atenuante da intolerância religiosa? Pesquisas feitas revelam a importância da tolerância religiosa e cultura da paz. Em Oliveira e Marquezan (2019, p. 722) “enfaticamente a complexidade, a necessidade do respeito, do cuidado, das cenas e cenários revelados e muitas vezes contendo a opacidade, o inacabamento na história pessoal e profissional, nas trajetórias e processos de construção do círculo da paz”.

Para analisar a minha trajetória de vida, buscamos em Marie-Christine Josso (2010) que contribui fundamentada em Edgar Morin, na publicação com o título geral de “O Método”, referindo-se a complexidade das dinâmicas biopsicossocioculturais, mediante uma síntese de abordagens contemporâneas, de maneira interdisciplinar e transdisciplinar:

[...] Capaz de autonomia inventiva e sujeito a exigências, *Anthropos* reencontra margens, uma intencionalidade à procura de lucidez, uma reflexividade atuante, recuperando assim o direito, e os deveres que o acompanham, de orientar individual e coletivamente suas atividades, suas perspectivas, e sua procura consciencial. [...] com minha equipe de Genebra, com Pierre Dominicé e Matthias Finger, nós apontávamos um novo horizonte teórico no campo da educação dos adultos por uma abordagem experiencial da formação, centrada no sujeito aprendente, utilizando a elaboração de uma metodologia de pesquisa-formação com o uso das narrativas de vida de adultos profissionais em formação continuada. Com alguns meses de antecedência, Gaston Pineau começava a balizar o terreno da autoformação, depois da publicação de sua obra com Marie-Michèle, “Produzir sua vida”. (JOSSO, 2010c, p.12).

Concordamos com o paradigma da complexidade defendido por Edgar Morin (2011), que abre o olhar para a totalidade dos campos científicos e diminui a fragmentação do conhecimento através da inter e transdisciplinaridade, aprofundando os saberes dentro do paradigma da complexidade, no meu caso como professora de Ensino Religioso de uma escola de Ensino Médio, na qual abordo assuntos como os citados acima e Projeto de Vida que vem articular teoria e prática na minha trajetória como pessoa e profissional disposta a desenvolver o potencial de mediadora do compartilhamento de saberes e fazeres éticos, espirituais, inter-religiosos e/ou ecumênicos propiciando espaços para o diálogo mediador de conflitos e

possibilidades de superações dos preconceitos e estereótipos nos diferentes contextos causando sofrimentos, rejeições, intolerâncias, bullying entre outros nas quais deveremos combater.

Corroboramos com a ideia de que as narrativas (auto) biográficas nas formações de professores, iniciais e continuadas, promovam inovações mobilizadas pelas experiências autobiográficas, projetam a abordagem (auto) biográfica abarcando as muitas originalidades culturais e históricas. Conforme Josso (2010c, p.13-14): “[...] paradigma do singular plural e, a fortiori, da autoformação [...] como projetos de expressão, projetos profissionais, projetos de reinserção, projetos de formação, projetos de transformação de práticas, projetos de vida nos momentos cruciais e reorientação da vida, etc.”

Percebemos que a narrativização da vida possibilita a produção de conhecimento implicando em projetos de deslocamento de posicionamento do pesquisador, mediante o desenvolvimento de memoriais de pesquisa-formação, articulados à construção de uma narrativa de vida oral ou escrita, ou ainda as duas, no nosso caso abrange um processo de formação reflexão, envolvendo a formação e a autoformação no curso Ciências da Religião, impactando na proposta pedagógica como professora de Ensino Religioso.

Percebo que sou diferente, o curso mobiliza o melhor de nós mesmos como pessoa e profissional, nas quais me amparo nas fontes da pesquisa (auto) biográfica principalmente a tese de Doutorado publicada no Brasil com o título “Caminhar para si” (Josso, 2010) parte da narrativização da legitimidade, mobilizando a subjetividade como processo de produção de saber e à intersubjetividade como suporte no trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores/personagens de suas narrativas. Vejamos o que nos afirma Josso (2010c):

Em minha obra, *Cheminer vers soi* (Caminhar para si), que é minha tese de doutorado defendida em 1988, eu desenvolvo o conjunto de referências que me permitem legitimar a abordagem biográfica da formação como uma metodologia de pesquisa-formação, dando acesso aos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem do sujeito em formação (título de minha tese) e eu utilizo duas de minhas narrativas (itinerário de formação e itinerário de conhecimento) para mostrar seu funcionamento empírico e pôr em evidencia essa coerência evocada acima. Desde então, um conjunto de teses de doutorado, utilizando o biográfico na constituição de seus dados de pesquisa fizeram o mesmo. (p.15).

Nessa mesma trajetória dos processos de formação de professores, Maria Helena Abrahão (2004), pioneira no Rio Grande do Sul em pesquisas (auto) biográficas, corrobora que ao trabalhar com metodologia e fontes de natureza (auto) biográfica, adota conscientemente uma tradição em pesquisa que reconhece “a realidade social multifacetária, complexa,

socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e inter-relacionado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento”. (p.202).

Assim percebemos que nós, enquanto professores, assim como os nossos educandos possuímos uma existência única e irreproduzível abarcando características singulares e ao mesmo tempo, somos plurais pela pluralidade e complexidade de interações, mediações socioculturais abertas e inacabadas ao longo da trajetória pessoal e profissional, no meu caso como professora de Ensino Religioso, tentando sensibilizar a todos da importância dos valores, da tolerância, do respeito às diferenças e da convivência pacífica.

Esse processo de desenvolvimento pessoal e profissional envolve inúmeros saberes e fazeres científicos, éticos, estatísticos, humanísticos, abrindo para uma infinidade de ambiências mobilizantes e desafiantes para a superação da intolerância e construção de educandos pacíficos. Esse processo de complexidade de formação nos relatos escritos pelo ser sujeito constitui uma contribuição a uma abordagem globalizadora e dinâmica da invenção de si em uma disponibilidade constante à existência em advir e, assim, uma atenção consciente pelo viés de uma escuta sensível ao que toma forma em nossa existencialidade no tempo presente. Conforme a autora citada: “nossa existencialidade emocional, assim como nossa existencialidade sensível são dimensões pouco consideradas pelos projetos educacionais dos pais e das sociedades ocidentais.” (JOSSO, 2009, p. 129-130 apud PERES, 2009).

Intrinsecamente ligado ao ser sensível está o ser de cognição nas quais a inteligência, o pensamento e a linguagem são responsáveis pela dimensão intelectual assim veremos que separamos para fins didáticos, mas na existência somos um todo indivisível, incluindo a dimensão espiritual que faz parte das diferentes religiões e ou multiculturalismo existente:

É por isso que chamamos a atenção dos participantes do nosso projeto “Histórias de vida em formação” [...] às pré-interpretações, pré-concepções, preconceitos, tocamos a subjetividade do autor. Ora, nós tocamos o que há de menos pessoal e de menos subjetivos no sentido próprio do termo. Tocamos a dimensão mais sociológica e antropológica (dimensão cultural) do pensar. Gostaria de ressaltar a ideia e o fato de que a subjetividade é uma conquista que exige precisamente um despojamento de camadas de vernizes sociais e culturais que nos fazem crer que pensamos por nós mesmos. (JOSSO, 2009, p. 130-131 apud PERES, 2009).

Percebemos assim que o processo educacional, principalmente do Ensino Religioso, implica em trabalharmos o respeito às diferentes visões de mundo, os diferentes credos

existentes nas diferentes culturas apontando para aceitação, a empatia, o respeito e a construção da paz consigo mesmo e com os outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) percebo como um processo aberto e inacabado, desejo dar continuidade e valorização do Ensino Religioso na vida dos alunos, além de mostrar a importância de formar uma consciência de paz, transformar a visão do mundo, fornecer subsídios para alcançar ou mesmo criar possibilidades de enfrentamento à violência, à criminalidade, ao descaso, ao abandono, e proporcionar uma realidade diferente daquela que a normalidade da vida propõe. Trabalhar em prol da aprendizagem dos alunos dos valores para a vida, respeito às diversas manifestações de crença, proporcionar subsídios para a vivência no cotidiano, desenvolver a autonomia para a tomada de decisões relacionadas à ética e à moral, fornecer subsídios para o educando compreender o outro e o mundo, entre outras contribuições. Em meio a tantos casos de violência física e verbal presentes na sociedade brasileira provenientes da intolerância religiosa faz-se necessário abordar o tema nas escolas de educação básica, onde estão os adolescentes e jovens ainda em formação de sua moral, ética e cidadania, elementos que levarão para sua vida adulta.

Vivencio como aluna e como professora de Ensino Religioso a dinâmica tridimensional do tempo narrado na complexidade (auto) biográfica situada em diferentes disciplinas que compõem a matriz curricular do curso Ciências da Religião, afirmo que o passado trouxe experiências significativas, o presente, grandes desafios por conciliar o papel de professora, aluna, mãe, filha e pesquisadora. Mas a perspectiva de inovar propiciando espaço para a construção de pessoas tolerantes com diferentes credos religiosos gera em mim um misto de sentimentos de alegria e motivação para continuar.

É possível, portanto, afirmar a partir das leituras críticas reflexivas como professora de Ensino Religioso, que podemos viabilizar na vida das crianças, adolescentes e jovens, valores, conhecimentos e conscientização sobre o respeito às diferentes formas de crer e de praticar a fé, seja ela cristã, ecumênica ou não. Revisitar a possibilidade de minimização da violência, contemplada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), articulando teoria e prática no cotidiano da sala de aula como professora de Ensino Religioso consciente da minha responsabilidade como educadora mobilizando todos os gestores da escola, possibilitando aos

alunos o desenvolvimento de valores humanísticos como a empatia, o diálogo, o respeito, a solução não-violenta para os conflitos, entre outros.

O processo da formação de professora em Ciências da Religião propiciou saltos qualitativos na tomada de consciência no sentido de que o desenvolvimento humano implica num processo de grande complexidade destacando a espiritualidade como uma das dimensões mais importantes para a superação dos conflitos da violência e o desenvolvimento da potencialidade de seres humanos abertos, empáticos, resilientes, pacíficos e felizes.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. Pesquisa (auto) biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO (org.) **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 201-224, 2004a.

ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs.) **Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (e em muitas outras)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BETTO, Frei. **Por uma educação crítica e participativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão final. MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 18/06/2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, (1996). **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://WWW.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 08 mai. 2020.

BRASIL. Decreto 7.107 de 11 de fevereiro de 2010. **Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7107.htm. Acesso em 01 de junho de 2020.

BORIN, Luiz Cláudio. **História do Ensino Religioso no Brasil** [recurso eletrônico]. I ed. – Santa Maria, RS – UFSM, NTE, 2018. I e-book.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CHOPRA, D. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras: a alternativa para o envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez.

DISKIN, L. P.; ROIZMAN, L. G. **Como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas**. 4. ed. — Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008.

FERREIRA, R.C.; BRANDEMBURG, E.B. **O ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz**. Revista de Ciências da Religião Caminhos, Goiânia, v.17, n.2, p.508-522,

maio/ago.2019. Disponível em:
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7313> . Acesso em: 12/05/2020.

FREIRE, A. M. A. **Educação para a paz segundo Paulo Freire. Portal-RS**, ano XXIX, n. 2, v. 59, p.387-393, mai./ag.2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GRARESCHI, A. P.; SILVA, M. R. (coord.). **Bullying: mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

HAGUETTE, T. M. F. (2010). **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12. ed. Petrópolis: Vozes.

GOMEZ, Luís. **A mestiçagem entre o enraizamento e a transmigração: pensar a narrativa (auto)biográfica como um espaço de encontro**. In: SOUZA, E. C.; BRAGANÇA, I. F. D. S (orgs) *Memória, Dimensões Sócio-históricas e Trajetórias de Vida*. Porto Alegre. ediPUCRS, 2012, p. 173, 192

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas**. Apud PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. – São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

JOSSO, M.C. **Histórias de Vida e Formação: suas funcionalidades em pesquisa formação e práticas sociais**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020.

JOSSO, M. C. **Histórias de Vida e Formação: Suas Funcionalidade em Pesquisa Formação e Práticas Sociais**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador, BIOgraph, v.05, n 13, jan/abr, 2020.

MARINAS, J. **La razón biográfica: ética y política de la identidad**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2004.

MARINAS. **La escucha en la historia oral: palabra dada**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

MARINAS. **Lo Inconsciente en las historias**. In: ABRAHÃO, M. H. M. B; BRAGANÇA, I. F. D. S.; ARAUJO, M. da S. **Pesquisa (auto) biográfica: fontes e questões**. Curitiba, PR: CRV, 2014. pp. 39-55

MAZZARDO, Ana Lucia da Luz. **PROJETO DE VIDA: Uma Proposta De Construção Compartilhada Com Estudantes Do Ensino Médio**. Dissertação defendida no Programa De Pós-Graduação Em Políticas Públicas E Gestão Educacional – Mestrado Profissional, 2019.

MEURER, A. C. **Unidade D: a teoria ecológica**. Santa Maria: UFSM, Pró Reitoria de graduação, Centro de Educação Curso de Graduação a Distância da Ed. Especial, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, F. A. D; MARQUEZAN, L. I. P. **Revisitando o Círculo da Paz a partir da Trajetória Autobiográfica**. In: DALLA CORTE, Marilene Gabriel; SARTURI, Rosane Carneiro, POSSA, Leandra Bôer (Org.). Agendas políticas globais e locais e as práticas contemporâneas em educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso: construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007

SILVA, C. A.; Ribeiro, M.B. **Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância**. Porto Alegre: Sulina; Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2007.

UNESCO. **Declaração de princípios sobre a Tolerância**. Paris. 1996. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/paz/dec95.htm>. Acesso em 05/11/2020.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 03/11/2020.

TREVISOL, J. **Segredos da interioridade**, Porto Alegre: Gênese,2013. UNESCO. **A ciência para o século XXI: uma nova visão e uma base de ação** – Brasília: UNESCO, ABIPTI, 2003. 72p. Texto baseado na "Conferência Mundial sobre Ciência, Santo Domingo, 10-12 mar, 1999" e na "Declaração sobre Ciências e a Utilização do Conhecimento Científico, Budapeste, 1999" 1. Ciências I. UNESCO II. Título CDD 500.